IMACULADA CONCEIÇÃO — de Barata Feyo

Obra das Mães pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada-Lisboa

SUMÁRIO

Névoa no vale

MARÇO - 1946

N.º 83

ASSINATURA AO ANO 12$00 ESCUDOS — NÚMERO AVULSO 1$00 ESCUDO

Arraial - Arraial por Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal!

A 25 deste mês de Março faz trezentos anos que D. João IV, nosso Rei, aclamou pelas côrtes de Lisboa Nossa Senhora da Conceição como Padroeira da nossa Terra.

Valeria bem arquivar nestas páginas o «*Auto da Aclamação*», onde foi «assente *de tomar por Padroeira de nossos Reinos e Senhorios a Santíssima Virgem Nossa Senhora da Conceição*» — e mais se diz:

«prometemos e juramos com o Principe e Estados, de confessar e defender sempre, até dar a vida, sendo necessário, que a Virgem Senhora Mãe de Deus foi concebida sem pecado original...»

Terra de Santa Maria...

Há tres séculos... desde sempre, desde aquele dia em que a Senhora foi Madrinha de Portugal-Menino, em Nossa Senhora da Oliveira, lá em cima, em Guimarães... Desde sempre.

Este centenário é apenas a comemoração festiva da oficialização do Padroado da Senhora «concebida sem pecado original».

«Glória da nossa Terra
Que tem salvado mil vezes».

... Ela ai anda há oitocentos anos, connosco pela mão, mesmo nas palmas das mãos.

Portugal, menino bonito da Virgem Nossa Senhora, podia ser o tema de um longo tratado, e se um dia se fizer esta história, será uma história linda de nunca mais acabar.

Guimarães... Alcobaça... a Batalha... Belem... Vila Viçosa... Fátima...

Não houve empreza, nem batalha, nem descobrimento; nunca fomos a vitória que Ela não estivesse a combater por nós; e as catedrais são do título da Senhora da Assunção. Por isso não há topo de montanha ou fundo de vale onde se não ergam capelinhas ou templo votivo à Senhora de Todos os Nomes.

Logo que entra Agosto começa a romaria deste Portugal a caminho dos santuários onde cada povo A conhece e A venera e A chama e A agradece: andores floridos, descantes e rodas, músicas e sermões. Cumprem-se promessas, deixam-se *ex-votos*, dão-se voltas às capelas, os joelhos em sangue. E convertem-se as almas ao Senhor por amor Àquela Senhora que foi boa para connosco...

Daí vem a piedade e o orgulho das gentes:

«Enquanto houver portugueses
Tu serás o seu amor».

* * *

Os Bispos portugueses publicaram a propósito deste centenário uma Pastoral que certamente já lestes todas. E' o pregão dos Pastores da grei católica a gritarem os deveres de Portugal para com a Senhora-Madrinha e Padroeira.

Não faltam lá nesse documento censuras justíssimas à consciência católica que tão mal tem sabido cumprir, apesar de tresentos anos de bênçãos e graças, apesar da Paz que ela nos guardou, apesar de Fátima...

E ao lado do progresso das festas oficiais, o programa de *«um movimento sincero de regresso a Deus»*.

Regresso a Deus de todo o Portugal...

Regresso a Deus de todos os cristãos portugueses...

Eis a melhor das acções de graças e de louvores em honra da Senhora.

* * *

E tu, rapariga da M. P., virás connosco a esta festa magna da Nação. Começa desde já a preparar no açafate do teu coração branco e moço, as flores da gratidão. Que ninguem te vença em generosidade e em amor.

Arraial! Arraial!

G. A.

A PADROEIRA DE PORTUGAL

NOTÍCIAS DA M.P.F.

Aspectos da festa realizada na Figueira da Foz

A NOSSA FESTA

Figueira da Foz *SÁBADO, oito de Dezembro de mil novecentos e quarenta e cinco!*

Não foi mais um dia que passou, não foi mais uma data que se repetiu! Foi um dia que ficou gravado no nosso coração.

E porquê? Porque o dedicámos à nossa festazinha.

A Ala da Figueira da Foz reuniu os seus três Centros

principais: o do Liceu Dr. Bissaia Barreto, o da Escola Industrial e Comercial Tomás Bordalo Pinheiro e o da Academia Figueirense.

Quisemos começar bem o dia, por isso, dirigimo-nos todas, infantas, vanguardistas e lusas, à Igreja da freguesia para assistirmos à Missa e implorarmos à Virgem da Conceição as graças de que carecemos.

Com que fervor vi regressar as que haviam ido à mesa da Comunhão!

Depois, finda a cerimónia, dividimo-nos em grupos, conforme as tarefas que nos tinham distribuido. As mais velhas as lusas, foram lavar, vestir e dar o almoço a seis pequenitas pobres das Escolas Primárias; as vanguardistas, entre as quais eu estava, foram receber o último ensaio dos números que deviam preencher a parte final das festas; e as infantas repetiram as canções, para que, de tarde, tudo corresse bem.

Chegam as três horas. Vai começar a festa. A assistência já enche o vasto salão da Escola Industrial e Comercial. Sentimo-nos excitadas. Uma ideia nos domina.

Eis que se ouve o hino da «Mocidade Portuguesa». Todas as filiadas o cantam entusiàsticamente. Um curto silêncio precede a audição das «Caravelas» que, certamente, deve ter calado na alma desta gente que vive ao pé do mar.

Vem agora uma representante do Centro n.º 2 recitar «Portugal Fidelíssimo». Mal acaba, as «minhotas» do mesmo Centro cantam e dançam a «Rosinha do Meio» com animação. Refeitas de tanto rodopiar, sossegam na canção dolente do «Vai-te embora, António».

E' agora a vez do Centro n.º 3, que apresenta o «Verde-Gaio», dança ribatejana. Os ensaios serviram-lhes, não se enganaram nas voltas.

Temos de fazer um intervalo, mas, num instante, lá se ouve a voz impressionante da Emília a recitar o «Mar Português» de Fernando Pessoa.

Volta a ouvir-se o coro na «Estrelinha do Norte». Que linda canção!

Estamos impacientes por apresentar o nosso «Corridinho». Formamos um grupo travesso de algarvias e algarvios.

O harmónio desfere notas estridulas que nós acompanhamos com precisão graciosa de movimentos e entusiasmo vibrante. Como estavas «amuada», Maria Etelvina! Até tivemos de repetir, porque a assistência não se contentou com ver uma só vez.

Já se fez o silêncio. O cenário vai mudar-se.

Uma filiada do Centro n.º 3, lembrando quadras da poesia «Bendita Caridade» de Domitila de Carvalho, prepara os espíritos para a compreensão da nossa dádiva. São roupas, confeccionadas por nós na sala da Sub-Delegacia, em alegre camaradagem, que vão dar-se às seis pobrezinhas que haviam comido o almoço. Falar do que senti, será difícil. Foi muito. Talvez a minha alegria por ter colaborado na obra, não fosse inferior à que observei no rosto das pequenitas.

Ao nosso encontro vêm os conselhos de sã doutrina que a nossa Ex.ma Sub-Delegada Regional nos dá, em palavras fervorosas, em atenção constante. O seu discurso ficou a pertencer-nos, não mais o esqueceremos.

Algumas filiadas dos Centros n.os 1 e 2 receberam prémios pelo seu bom aproveitamento, e outras o emblema, há tanto tempo desejado.

Ia terminar a festa. No estrado, que servia de palco, já estava, ao centro, em pedestal sóbrio, uma linda imagem, do século XVII, de Nossa Senhora da Conceição, e, um pouco afastada dela, uma filiada a dormir.

Que iria desenrolar-se?

Aproximo-me. Sou o Anjo que deseja acordar aquela alma para a Vida, para a Vida do Trabalho, do Bem, da Honra e da Fé. Exorto-a comovida e convictamente. Ela, perturbada, chega à consciência dos desvios cometidos, da maldade do mundo e, reconhecendo-se fraca sem o auxílio divino, vai ajoelhar-se aos pés da Virgem para Lhe implorar a Sua ajuda. Agora, já não é só ela a ouvir-se. Estão outras com a mesma prece a sair-lhes do peito e que os versos de «A Padroeira» do Rev. P.e Moreira das Neves tão bem traduzem.

E depois, a fechar, todas, em sentido, cantámos a «Mocidade Lusitana».

Não sei a quem mais cabe o brilho da nossa festa: se às raparigas que a interpretaram, se à boa vontade, dedicação e proficiência das nossas Dirigentes.

Para S. Ex.as vai, em meu nome e de todas as filiadas, o testemunho da nossa mais profunda gratidão e do nosso maior respeito.

Graciette Nogueira de Melo

Filiada n.º 59941 — Ala 4 — Centro 1 Província da Beira Litoral

EMBAIXADA DA ALEGRIA

Mudou de ambiente, este ano, a nossa «Embaixada da Alegria»... Foi, desta vez, levar um pouco de alegria e de conforto aos cegos do Asilo de Nossa Senhora da Saúde, numa pequenina festa que constou de números de canto e de piano, recitações e de um curto diálogo.

Podemos dizer que as nossas simpáticas colegas que colaboraram nesta «Embaixada», a maior parte delas colaboradoras das «Embaixadas» do ano que passou, se portaram admiràvelmente, como já era de esperar...

E nós tivemos, assim, um prazer enorme ao contemplar aqueles rostos sem luz, todos tristeza, que se inundavam de uma alegria subtil, de um contentamento que se manifestava por um leve sorriso de agrado e de ternura.

O ambiente muito familiar, muito simpático, poz as várias cantoras e declamadoras num completo à-vontade.

A primeira parte — que a nossa festa compunha-se de duas partes! — foi iniciada por quatro números cantados em que se destacaram a «Canção do Alentejo», bisada, e «A flor do malmequer» que teve o maior número de votos quando do nosso inquérito à assistência àcerca do melhor número.

Seguiram-se-lhes as recitações — quatro — e dois números tocados por duas pianistas que trouxeram, este ano, à «Embaixada» uma inovação — e com agrado do público, diga-se de passagem.

E terminou a 1.ª parte. No intervalo distribuiram-se cigarros e rebuçados a todos os cegos e preparou-se a cena para o diálogo que abriu a segunda parte:

Uma mesa com flores, duas cadeiras, um cestinho de costura e duas raparigas que se portaram à altura das circunstâncias com graça, com à-vontade e com talento — é preciso acrescentar!

Intitulava-se o diálogo «Lenda da primeira rosa», uma lenda simples, leve e adequada à época festiva.

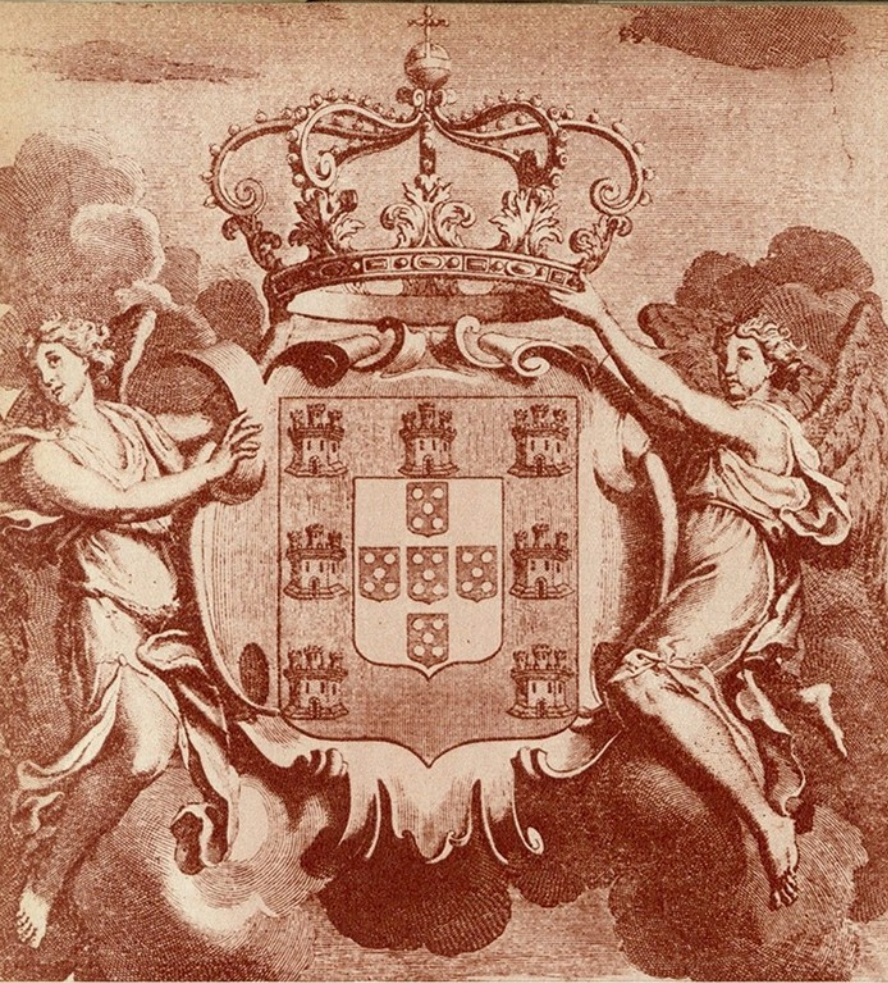
Depois, um grupo de raparigas compuseram um côro falado — «Pelo sinal da Santa Cruz» — muito interessante, tendo intercalada uma poesia sôbre o mesmo motivo religioso.

E por último, mais quatro números cantados foram o ponto final da segunda e última parte.

Acabou assim a nossa «Embaixada da Alegria» que, durante uma hora, soube espalhar naqueles espíritos resignados, mas tristes na sua infelicidade, um bocadinho de luz que afugentou por algum tempo a escuridão das almas onde só há noite...

Em todas nós ficou um contentamento muito calmo, muito sereno, por termos contribuido com a nossa boa vontade e o nosso trabalho para aquela emprêsa de Alegria e de Bondade.

RAQUEL KALEPSKY

Lisboa
ESCOLA JOÃO DE BARROS
Centro n.º 20

SENHORA DE PORTUGAL

(Foi no dia 25 de Março de 1646 que D. João IV, em Vila Viçosa, elegeu Nossa Senhoro da Conceição Padroeira e Senhora de Portugal.

VOZ

Salve, Rainha de Portugal,
Mãe de Deus e nossa mãe,
vida das nossas vidas,
doçura das nossas amarguras,
esperança nossa.

CORO

Salve!

VOZ

A Vós bradamos, Senhora,
a Vós, que tendes sido,
desde sempre e em toda a parte,
a luz caída na treva das nossas dores,
a Estrela de Oiro sempre acesa
no céu da nossa História,
Nossa Senhora de Ourique,
Nossa Senhora de Aljubarrota!

CORO

Senhora de Portugal,
Salve!

VOZ

Os vossos olhos, Senhora,
foram nossos companheiros,
na solidão e na tormenta das ondas,
Nossa Senhora de Sagres,
Nossa Senhora do Restelo,
Nossa Senhora das Caravelas!

CORO

Senhora de Portugal,
Salve!

VOZ

Nós somos o povo-apóstolo
que levámos a todos os cantos do mundo
a palavra de Cristo, que é o Caminho,
a Doutrina de Cristo, que é a Verdade,
o Evangelho de Cristo, que é a Vida!
E Vós sois inseparavel de Cristo:
Mostrai-O, Senhora a todos os homens!
Nossa Senhora de Africa,
Nossa Senhora das Indias,
Nossa Senhoro do Brasil,
Nossa Senhora de Todo o Mundo!

CORO

Senhora de Portugal,
Salve!

VOZ

Por vontade dum Rei e do povo,
numa hora que era para nós de vitória e de alegria,
fostes aclamada nossa Padroeira.
Senhora da Conceição,
Salvai Portugal!

CORO

Senhora da Conceição,
salvai Portugal!

VOZ

Sois a Padroeira das nossas cidades e aldeias,
das nossas igrejas e ermidas,
das nossas casas e da nossa gente,
de Portugal inteiro, Senhora!

CORO

Senhora da Conceição,
salvai Portugal!

VOZ

Quem perdeu a esperança em Vós,
perdeu toda a esperança.
Quem Vos não reza
não sabe rezar.
Quem vos não ama
não ama a Pátria!

A VOZ DA MOCIDADE:

Nós somos a Pátria que batalha e sonha.
À Pátria oferecemos a nossa vida.
Pela Pátria damos o nosso sangue.
Quem manda é Nossa Senhora.

CORO DA MOCIDADE

Ave Maria!

A VOZ DA INFANCIA

Nós somos a Pátria do futuro!
E queremos a Pátria cada vez mais bela!
E queremos a Pátria cada vez maior!
Quem manda é Nossa Senhora

CORO DA INFANCIA

Santa Maria!
Nós somos a Pátria de sempre!
Virgem Padroeira!
que invocámos em 1640!
Virgem Coroada,
que levámos ao Sameiro!
Virgem Missionária,
que descestes em Fátima!

CORO

Salvé Rainha!

VOZ

Senhora da Conceição,

CORO

Salvai Portugal!

VOZ

Senhora da Conceição,

CORO

Salvai Portugal!

VOZ

Senhora da Conceição,

CORO

Salvai Portugal!

(canta-se «Salve, Nobre Padroeira»)

(De «A Padroeira de Portugal», P. Moreira das Neves)

CAMARADAGEM

II — Entre duas aulas

Aquele exercício de latim, terminava a série de exercícios com que fechava o primeiro período.

As férias do Natal vinham aí trazidas pela mão do Menino Jesus, e todas as raparigas do Liceu tinham pressa de as ver chegar.

Madalena, a zaragateira aluna do quinto ano, que tinha ficado fechada na aula durante cinquenta minutos sem poder falar e ainda por cima obrigada a reflectir, estava estafada!

As batas brancas juntavam-se à volta dela e todas discutiam o exercício naquele intervalo de classes.

— Se me escapo neste período, dou um baile! Ó meninas, palavra que é pouca sorte! Eu levava as cábulas todas feitas, era um mimo!... Pois vocês não viram? A senhora dona Otília não deixou de passear para deante e para trás ao pé de mim. Aí eu estava fula, pior do que uma barata... era capaz de a comer...

A Madalena teve um gèsto de canibal.

Toda a azougada gente do grupo dava por paus e por pedras.

— Dificílimo, um horror; está claro, só com cábulas, maldito Cesar! Monstro! É do piorsinho!

Uma rapariguita toda espevitada, exclamava: — Tenho a certeza de que escrevi asneiras formidáveis...

— *Cesar cum tropas suas casteloruns tomavit*, foi como eu comecei — dizia Madalena com grande enfase, cheia da sua proeza.

— Não viram o meu lápis? Perdi um lápis azul com um bico de um lado e uma borracha de tinta do outro...

A pequena, minuciosamente, interrogava o chão em semi-círculo.

— Olha — gritou-lhe uma — vai ver à secretária da senhora dona Otília...

— Qual! — protestou a Lourdes, irònicamente. — Eu vi-o a escrever sózinho sôbre uma carteira...

— Nada disso, está mas é a nadar satisfeitíssimo dentro do autoclismo...

A dona do lápis aventureiro, jurou que não perguntaria mais nada e sumiu-se sempre a fazer semi-circulos com a cabeça.

No grupo havia discussão. A Madalena e a sua frase latina andavam no ar...

A Lourdes, com a sua voz grossa e maneira pouco simpática de dizer as coisas, levantava o nariz orgulhoso e conquistava votos para o seu lado.

— Esperas apanhar um B grande e média final como o ano passado?

A Lourdes não perdia ocasião de ferir. Demais sabia ela que a Madalena era repetente, que as notas eram más e que já ia nos dezassete anos.

— *Cesar cum copies suis oppida ocupavit.* Assim é que é — continuou ela, com o seu modo sarcástico...

E muitas pequenas, ou por convicção ou porque a Lourdes era uma rapariga bonita que se dava ares, confirmavam a sua opinião.

— Garanto-te que está errada — teimava Madalena, excitadíssima. Copies, copies suis; alguém é capaz de dizer que isto está certo?

Quase todas afirmavam que sim, outras retraiam-se de responder por várias razões.

Então, Madalena deu meia volta com um pé de vento e rodopiou ao sabor dos calcanhares.

Não valia a pena sustentar partidos. Não tinha pachorra, mas convencida como estava do conhecimento da matéria, teve uma palavra em que resumia o seu desprezo:

— Trouxíssimas!

A Lourdes viu-a desaparecer com um sorriso trocista ao canto da boca.

O grupo pouco a pouco dispersou-se. A Lourdes já não precisava de côrte porque gosava inteiramente a vitória.

Algumas garotas ficaram ainda ali a chilrear. Contavam anedotas a propósito de um estudante que na presença do professor engoliu cábula e tudo, e estes feitos memoráveis enchiam-nas de pasmo e de terror.

(Continua na pág. 16)

O poeta na sua Casa de S. Pedro de Muel

CORTES

O TROVEIRO-ESTETA

Afonso Lopes Vieira, que, dobado já um mês, a morte afastou do nosso contacto material, nasceu e criou-se para as bandas do velho burgo de Leiria.

Dir-se-á que, por ali, anda Passado no ar. Um Passado que nos entra no sangue como o oxigénio, que se respira a plenos haustos. São terras de legenda, ungidas pelas sombras das altas torres de um castelo, onde os séculos, acouchados por entre as ruinas, em vigília, parecem velar por nós...

Mais alto do que tudo, no cocuruto de um monte erguido em oração para o céu, a carcassa tutelar do velho defensor da terra e da grei, põe na paisagem uma marca tão sobranceira e indelével de tempo ido, um tal acento de canção heróica que a terra toda, ao redor, se lhe submete em passiva e verde adoração.

Depois, derramando-se das margens claras do rio claro até às doiradas areias do mar; inundando os plainos ou vagalhoando por colinas, ali floresce o «verde pinho» da mata de El-Rei, que Deniz, o trovador, semeou, rimando cantares e sonhando magnificências de aventura atlântica. Em cada um dos seus pinheiros, desentranhado de um humilde grão de penisco para arrebatadas alturas de mastro-real, a modos que as franças verdes se tornaram em balsões, comandando a armada das demais árvores e oscilando ao tresvairo dos ventos... As veredas, desmaterializadas pela fluidez roxa das sombras, cortam a terra larga, como galerias de claustros por entre ogivas de troncos e mãos-postas de renques viçosos. Há no silêncio das alfombras um constante cicio de rezas, a modos dum confidenciar subterrâneo de raizes que penetra e difunde a alma da gente nos mistérios do Tempo.

Dir-se-á que o Sonho real de que aquelas árvores geraceram, persiste, sempre vivo, eterno na sua essência, confessando-se no anceio com que adelgaçam os troncos, içam ao alto as velas da inquieta frota de ramos que os circundam; perdura, nostálgico de aventura no ímpeto de bravura com que o próprio solo, aqui e além talhado a pique pelas falésias, mete afoitamente ao mar, como quilhas de caravela...

Nado e criado por ali, não espanta que o Poeta tivesse bebido com o leite o sentimento de religiosismo luziada que é a raiz e é a flor da sua obra. A terra é, depois de Deus, quem faz os poetas; e aquela terra, impregnada de sonho antigo, deve ter-lhe segredado à alma de menino, na música das águas, das brisas, do ramalhar dos pinheiros ao vento, o ritmo com que embalou as trovas de El-Rei. De tanto o ouvir, e respirar, entrou-lhe na alma e no sangue, para toda-a-vida, a graça do seu lirismo primitivo, de gesta.

A virtude-mestra de Lopes Vieira não está, porém, quanto a mim, no portuguesismo com que brazonou a sua obra de artista e a sua conduta de homem, e que os panegirisistas tanto realçam, agora, que a morte o furtou aos agravos e olvidos desta injusta e desigual vida portuguesa, entregando-o às consagrações restituitivas e penitentes da postumo-filia nacional.

Não. Portugueses indefectíveis, passadistas, tradicionalistas como ele o foi, sempre os houve, e há, felizmente, em Portugal, dentro e fora das letras.

O dom admirável da sua mensagem consiste em ter sabido dar ao preito pelo antigo, à nostalgia do extinto, à inspiração das origens, ao culto saudosista pelo velho, esse gosto a novo, essa expressão de modernidade com que, sobretudo na última fase, soube amoldar a frescura primitiva do seu lirismo sem arroubos, recontido, às formas evolutivas e renovantes do seu tempo, excedendo-o.

Poèticamente, poderemos, ainda, dizer ter sido a mata-real, que o trouxe ao colo e o embalou, quem lhe ensinou o segredo da sua perene verdura; estudando, porém, o fenómeno à luz da crítica, hemos que reconhecer com gratidão da inteligência o que ele encerra de esforço de Arte, de puro e requintado intelectualismo, de sensibilidade estética — de sortilego poder de ressurreição, que apenas Deus e os artistas tocados pela sua divina graça possuem.

Mas, para além do Poeta, do Prosador, do prescrutador de legendas, do descobridor de lápides, do laborioso restaurador de glórias esquecidas, do enamorado reaportuguesador da nossa Lingua — Lopes Vieira foi homem, unidade social de uma época abastardada. E soube viver a sua existência de homem em perfeita harmonia com a sua vida de criador espiritual de quimeras. As circunstâncias materiais permitiram-lho; isso em nada lhe diminui a coragem de ter sabido viver em Beleza.

Citadino elegante, desde as palavras aos modos; do sorriso à pérola da gravata; da futilidade aparente do trato à discrição cuidada da indumentária, Lopes Vieira era um aristocrata refinado. Entretanto, (e esta é uma faceta curiosa, paradoxalmente curiosa, do seu complexo psíquico de preciosismo aparente e de real e enternecida humanidade), ele amava, cultivava a simplicidade rude, primitiva, das coisas e dos seres: — desde a tentação luziada das ondas bravas às asperesas geórgicas da terra; da humildade anónima das gentes que lhe arroteavam o agro ou batalhavam nas fainas do mar, por debaixo da varanda ensolada, às pequeninas, banais, quotidianas coisas da existência, como um efeito de luz, a cantiga de uma fonte, uma flor que desabrocha, um perfume que se evola...

Esse enternecimento pelas coisas e pelas criaturas sem nome, não foi, apenas, de índole literária; mas funda e humana simpatia, traduzida no poema derradeiro de um testamento que no-lo retrata a sorrir, para além da vida, aos pobrinhos da Marinha Grande, dora avante donos da sua torre de S. Pedro de Muel, e aos bambinos do Povo que, pelo tempo fora, virão a nascer na sua casa das Cortes, tornada maternidade; aos estudantes de Leiria, folheando os livros preciosos da sua biblioteca; — a tantos, pequenos e grandes, que, com outros legados, envolveu na piedade fraternal do seu último aceno...

* * *

Por tudo isto, e por tanto mais que se não pode dizer nesta meia duzia de linhas que me deram para o evocar, Lopes Vieira deixou um Nome que a gente moça de Portugal deve pronunciar, hoje e sempre, de cabeças descobertas.

Raparigas, que aprendeis nos livros o respeito por tudo o que é grande, dobrai-vos à evocação de quem foi em Portugal, um Grande-Senhor, como só os Poetas sabem ser, quando neles a fortaleza de alma é tanta, que nela «não tem poder a própria morte».

E rezai!

João Corrêa d'Oliveira

flores no seu jardim acompanhada por uma escrava

«AFASTEM-SE, dêem lugar a sua magestade o Sultão, Chefe dos Fieis» gritavam os «bostangis», fazendo estalar os seus chicotes, enquanto os altos janizários de um lado e doutro da rua, erguiam as espadas fazendo com elas um muro metálico, para assim afastarem as multidões que congestionavam as ruas. Era 6.ª feira, o dia santificado dos mussulmanos, e todos queriam ver passar o Sultão Mahmond que ia rezar à Mesquita. Os primeiros figurantes da procissão eram os portadores de água, que regavam o chão para não haver pó. A seguir as quatro gigantescas figuras, de longas barbas, dos portadores de café e de cachimbos de Sua Magestade. Rivalisavam no luxo dos seus fatos e no número dos seus servidores. Fez-se um silêncio cheio de temor quando passaram os Ministros da Sublime Porta: O Pashá Capitão, O Rei Effendi e o Grão Vizir. Agasalhados em casacos de peles, vergados ao peso das jóias dos seus turbantes, montados em cavalos cujos arnezes eram cravejados de brilhantes e esmeraldas, mas tremendo, no entanto, pelas próprias vidas.

Nem nos janizários que guardavam as ruas tinham confiança. Mas o Comandante dos Fiels estava a chegar e todos os piedosos mussulmanos curvavam a cabeça em oração e pediam a Allah e Mahomed que protegesse a família real de Othman. Como um idolo coberto de jóias, era levado num cavalo completamente branco. Os seus escravos negros protegiam-no dos olhares indescretos com as plumas que seguravam nas mãos. Atrás ia o ediondo Kislar Agar, o intendente dos Prazeres do Sultão, o guarda do Harem, o chefe dos 100 eunucos, que o seguiam nesta ocasião.

Entre a multidão curvada, uma única figura se mantinha erecta, a cavalo, e o seu olhar orgulhoso e calmo não exitava em encarar a própria Augusta Magestade. Uma mulher branca ousava mostrar-se sem véu, em pleno dia em Stamboul».

Mas seria mulher, ou um encantador e fidalgo rapaz?... A imaginação popular exitava... Mas nós não. Lady Hester Stanhope tinha chegado, até que enfim, ao Oriente! e via naquela ocasião pela primeira e última vez o Sultão pelo qual havia de lutar até ao fim da sua vida. O orgulho e dignidade de porte são admirados pelos orientais e o olhar que ela dirigiu a S. Magestade era tão respeitoso que ninguém ousou fazer-lhe qualquer observação.

Mas Constantinopla, apesar dos seus luxos, aborrecia-a. Decidiu alugar uma «vila» em Therapia (estação de verão) nas margens do Bósforo. Construida para os calores de Julho e Agosto, com quartos abobadados, chão de mármore, e páteos interiores onde repuchos caiam em taças rosadas, não era o sitio ideal para aquecer no inverno. Lady Hester adoeceu.

UMA VIDA AVENTUROSA

Aconselhou os amigos Sligo e Bruce a fazerem uma digressão a Smyrna enquanto se tratava e entregou-se aos cuidados do seu devotado médico, Dr. Meryon. Quando se achou bem quiz travar conhecimento com as famílias importantes da Turquia. O empreendimento era difícil. Os europeus não tinham contacto directo com o mundo oficial otomano senão através das suas legações e embaixadas. Como então entrar em relações com tão exclusiva sociedade?

Nesta ocasião valeu-lhe o seu médico. Tinha trazido de Londres todos os remédios de que possivelmente precisaria, e em certa quantidade. Foi chamado, através da Embaixada, para atender, aos males de importantes Pashás. Bergantins doirados vinham-no buscar e levavam-no pelo Bósforo abaixo até aos palácios em que às vezes, nos próprios harems os seus serviços eram necessitados. Belezas, na verdade extraordinárias, guardadas por eunucos armados, morriam lentamente de tuberculose. O próprio Capitão Pashá, quiz consultá-lo, mas foi preciso ir ao Arsenal onde ele o esperava com guardas à vista... No entanto as portas começaram a abrir-se à dispensadora dos serviços do Dr. Meryon... Os seus conhecimentos já eram interessantes. Decidiu então na primavera ir banhar-se nas águas sulfurosas de Brusa. Alugou uma casa aos pés augustos do Monte Olympus, onde as flores formavam um verdadeiro e maravilhoso tapete oriental. Nos banhos começou a conhecer favoritas, e na base dos conhecimentos anteriores, criou relações interessantes. Passava grandes bocados sonhando nos terraços da Mesquita Verde, assombreados por grandes árvores seculares. A beleza, o luxo e a imaginação oriental, cada vez a atraiam mais. Conservando-se intensamente britânica, os seus sonhos levavam-na no entanto, mais e mais para o Oriente. Nesta altura passaram em Brusa dois ingleses que lhe contaram as suas viagens na Siria e Arabia em busca de Palmyra, (as célebres ruinas da cidade grego-romana) tiveram de confessar que não tinham chegado lá... as tribus do Deserto tinham-lhes sido hostis. Formou-se então na imaginação de Lady Hester o desejo de visitar o que restava da Fabulosa Cidade. Entretanto ousou pedir ao Capitão Pashá para ver a armada Turca. Com espanto de todos este disse que sim, que a levaria passar revista aos seus navios com a condição de que fosse vestida de homem. Lady Hester mandou fazer um fato estupendo meio asiático, meio almirantado inglês; vestiu-se com ele e usando a espada com todo o garbo passou a armada turca em revista! Mas o Presidente do Conselho Inglês não gostou nada... e o seu Ministro em Constantinopla cortou as relações com ela. Era a altura de deixar as margens do Bósforo. Ainda estava perto de mais da Europa. Os seus luxos asiáticos (o dinheiro que era pouco em Inglaterra, era muito no Oriente) agradavam e colocavam-na bem perante os turcos, mas as cartas que recebia de pessoas importantes na sua terra diziam claramente que se lhes agradavam e eram úteis as informações que lhes mandava não lhes agradavam tanto os meios pelos quaes as obtinha.

Embarcou então num navio grego e fez vela para Alexandria... mas o Mediterraneo vulgarmente calmo, zangou-se e uma tempestade tremenda lançou-a sobre uns áridos rochedos perto de Rhodes. Dali depois de uns dias de terrivel inconforto e fome conseguiram chegar à aldeia de Lindo. Ainda cheia de ruinas de Castelos dos Cruzados, das casas armoriadas dos cavaleiros, Rhodes, coberta de pinhaes e de arbustos aromáticos, dava uma impressão de encanto, que os náufragos, apesar da pouca amável recepção do governador turco, não se recusaram a apreciar. Quase despidas pela violência da tempestade, tiveram que se arranjar com fatos turcos que lhes ofereceram. Lady Hester, radiante, pode então justificar plenamente a sua idumentária oriental, que, segundo um viajante da época, muito bem lhe ficava. Acrescentou ao seu fato de jovem Pashá um «yataghan» (espada curvada turca) e uma enorme pistola. Foi assim que o Capitão da fragata «Salsette» a encontrou, quando ela lhe veio oferecer, amavelmente, transporte no seu barco para Alexandria.

(Continua)

Francisca de Assis

PARA A QUARESMA

Já há bastantes anos, veio num jornal de Lisboa, uma receita para a quaresma, que por não ter perdido actualidade recomendamos às nossas raparigas bem como a todas as futuras donas de casa.

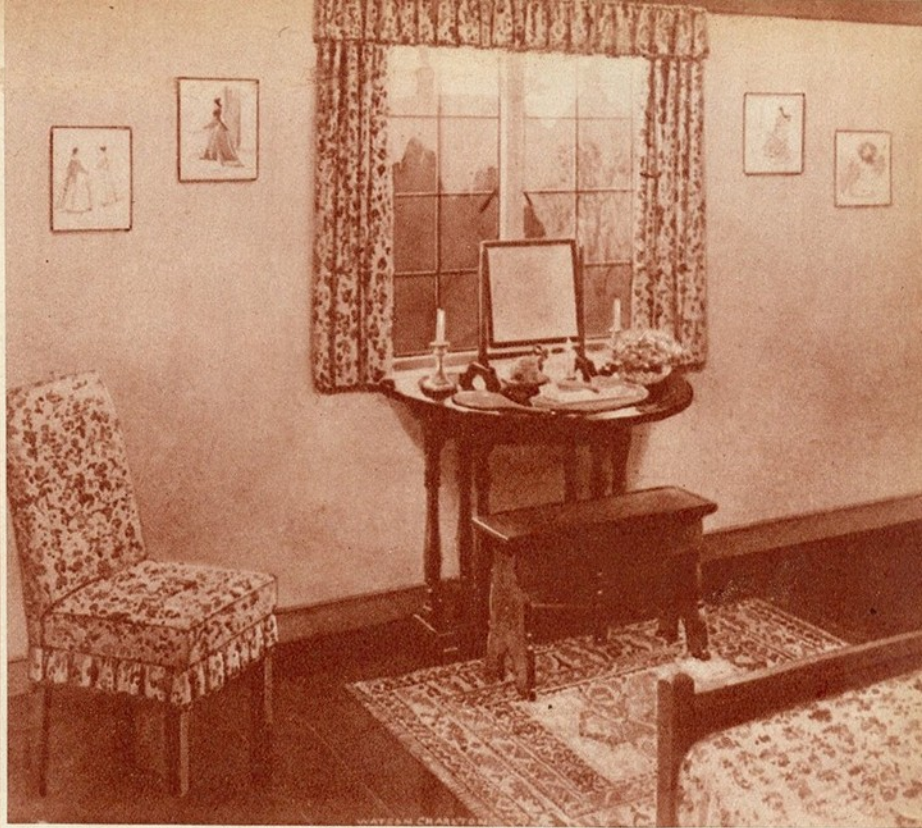
Toma-se, em primeiro lugar, uma boa pitada de oração, que não seja muito grande, mas suficiente, no entanto, para dar perfume a um dia inteiro; acrescenta-se-lhe logo um bom punhado de paciência misturada com algumas colheres de óleo de doçura e tempera-se com o sal do bom senso que se encontra em pequenos vasos lacrados com o rótulo de «recolhimento». Esmagar uma boa porção de amor próprio no almofariz da humildade, e convem temperar ainda com um ramo de cheiros composto de um lírio, um ramo de oliveira, e algumas violetas, muito bem lhe ficando igualmente um grãozinho de incenso.

Misturar tudo isto, muito bem com a massa dos deveres de estado, e amassar esse conjunto demoradamente, com atenção e delicadeza, pondo o maior cuidado em evitar os grumos do mau génio e as empolas do egoismo.

Acrescentar-lhe em seguida cerca de um quilo de ordem e de actividade, em partes iguais, com uma quantidade sem limites de bom humor.

A meio do dia, trabalhar de novo esta massa, e se nos parecer dura, encorporar-lhe um punhado de energia.

Evitar principalmente deitar-lhe qualquer das coisas que fermentam, como a inveja, o ódio, a maledicência, a susceptibilidade exagerada. Todos estes ingredientes são muito indigestos, não devendo nunca empregar-se.

Por último, polvilhar a massa com uma liga de condescendência e de mel, e colocá-la sobre o lume forte do amor divino.

ASSEIO E ORDEM, factores de beleza

HÁ coisas que tão bem [illegible]nam entre si que dificilmente as podemos separar.

Assim são asseio e ordem.

....

Poderemos chamar-lhe «higiene», mas é do simples e vulgar «asseio» que quero falar.

Muito embora vá ferir a susceptibilidade nacional não podemos deixar de dizer que, neste campo, ainda muito há que fazer e ensinar.

E' muito vulgar verem-se unhas sujas e dentes por lavar em meninas instruídas que se pintam com «baton», não sendo portanto de estranhar que no povo se observem costumes e usos antiquados que ficam muito àquém da descoberta do micróbio.

O grande Pasteur desvendando o mundo ignorado dos micróbios revolucionou o seu tempo. As suas medidas higiénicas (e outras) ainda hoje estão em perfeita actualidade.

Mal é que apesar de tantos anos passados sobre os seus ensinamentos estes ainda estejam tão pouco divulgados.

Que diria o bom «Pasteur» se visse nos nossos dias o que nós presenciamos constantemente?!

....

Quando eu era menina (não há lá muitos anos), vi uma coisa que ainda hoje recordo com a mesma repugnância:

Uma velhota do campo, a quem a filha veio visitar trazendo um lindo bébé.

A criança era sàdia, forte, louçã. A avó era velha, de aspecto desleixado e sujo. A folhas tantas, o pequeno, ou porque a estranhasse, ou por que tivesse fome, desatou num berreiro.

Como por mais voltas que lhe dessem não se calava o menino, a Avó recorreu a um estratagema infalível, que é, como depois vim a saber, muito usual no povo de algumas províncias. Correu a buscar um trapinho branco, limpo, pôs-lhe dentro uma colher de marmelada e atou com linha formando uma boneca. Feito isto, meteu-o na sua própria boca pouco guarnecida de dentes, mastigando-a e salivando-a para ficar molinha, e quando achou que estava em ponto introduziu-a na boca da criança à laia de «chucha». O bébe logo se calou, e eu retirei dali muda de espanto e de nojo.

Factos como estes podem-se contar às centenas. E' muito costume as mães trincarem uma côdea de pão para a amolecerem e depois darem-na aos filhos. Fazem isto na boa intenção de que o pão não lhes magôe as gengivas. — O hábito de cuspir no chão, também denota grande falta de asseio e completa indiferença pelo próximo.

* * *

Tu ao menos, rapariga moderna, tu que conheces o valor higiénico da limpeza, bem como a sua contribuïção a uma boa saude e à beleza fisica, dá o exemplo, e que a tua aparência seja sempre impecável em asseio e ordem.

O asseio é um factor valorizador da beleza; quanto à ordem, só por si é beleza. O método, outra espécie de ordem, é indispensável. E' com método que conseguiremos o tempo sem o qual nada se faz.

Muitas raparigas há a quem oiço dizer; — Não tenho tempo para nada!... Ando sempre a correr!!! etc. para se desculparem do desleixo e da preguiça que as impedem de andar apuradas.

Diz-se que quem vê caras não vê corações. Assim é; mas seguramente se pode pela aparência fazer uma ideia aproximada da mentalidade e do adiantamento individual.

Assim, uma pessoa muito pobre que se esforça por manter apesar de tudo uma aparência decente e limpa, mostra um grau de civilização muito mais adiantado, e uma estrutura moral muito mais sólida que a mulher que vai empenhar 2 lençois para fazer uma «permanente»; caso que já presenciei. A rapariga que gasta no luxo o que tem, quando lhe faltam os mais elementares hábitos de higiene, mostra um nivel moral muito pouco adiantado.

A mim parece-me que a ordem moral transparece um pouco no gôsto de vestir e no apuro e ordem de toda a pessoa. E parece-me que uma pessoa escrupulosamente asseada, ha-de ter fatalmente escrúpulos de consciência. Isto, é claro, não serve de regra, pois muitas pessoas há esplêndidas, cuja desordem e desleixo são proverbiais.

No entanto é um defeito bastante prejudicial, visto que, não podendo nós ver dentro do coração de cada um, somos de princípio atraídos pelo aspecto fisico. E' que a primeira impressão pode ter consequências definitivas como sejam no alcançar um emprêgo ou em ser escolhida em casamento.

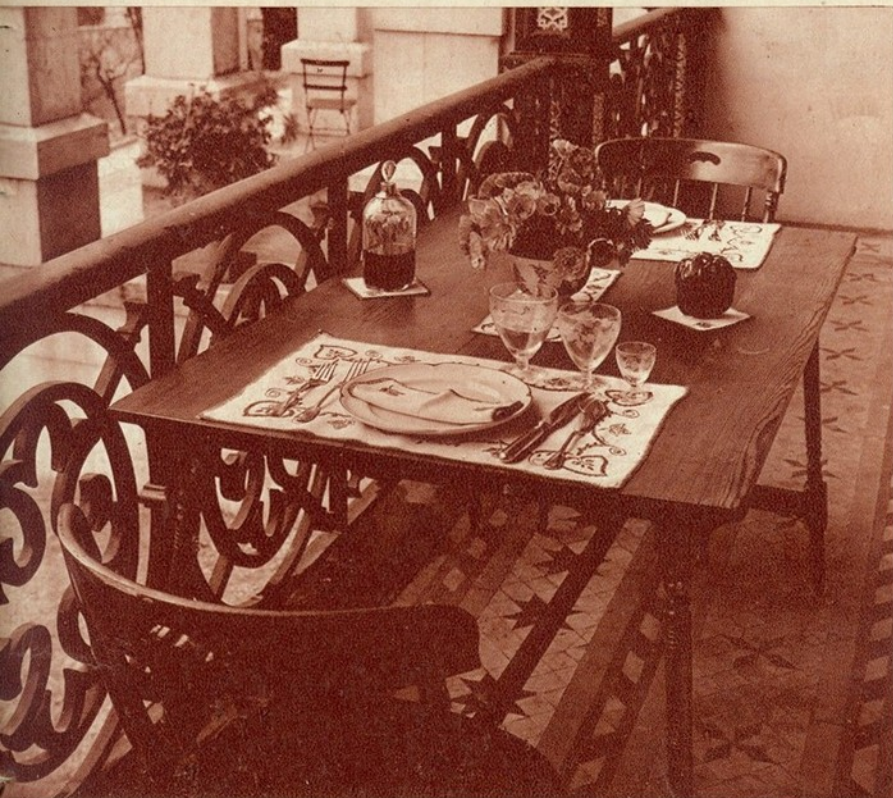
Asseio e ordem. Duas palavras mágicas que podem transformar uma rapariga.

E não esquecer, que mais podem sabão e água em favor da beleza que todos os ingredientes, tintas e cosméticos existentes no mercado.

MARIA BENEDITA

Noivas

A hora das refeições é importante num lar. E' à volta da mesa que se reune a familia vinda das diversas ocupações do dia. E' a hora em que o chefe da casa descansa um pouco da incessante luta pela vida. O marido vem cansado, senão fisicamente, pelo menos mentalmente. Não é a altura, minha querida Paula, de nos lamentarmos do custo da vida nem das contrariedades cotidianas. A mulher foi feita para a luta inglória do dia a dia e o homem para prover ao sustento da familia. Poupemos-lhe pois esses pequenos dissabores e dificuldades que tanto enervam as donas de casa e são afinal o «pão nosso de cada dia». Não sei se já reparaste Paula que a maioria das coisas e dos factos, encarados de frente perdem volume, e diminuem de tamanho. Não vale a pena lutar contra o inevitavel, mais vale aceita-lo. Para uma mulher casada a vida não corre sem lutas e dificuldades, mas não nos envenenemos com pequenas coisas. A seu tempo virão grandes sacrificios, inevitáveis também, e então havemos de ter saudades das enervantes dificuldades que tanto nos irritam.

M.B.

Lembrei-me Paula, de te falar em roupas de mesa. O que é mais «chic» hoje em dia, é o que não há: — toalhas de linho adamascado.

Devido à guerra não só não há toalhas adamascadas como não há quase linhos e os poucos que estão à venda custam preços fabulosos!... Também o algodão está caro, e então, devido ao custo da vida, o melhor é fazeres alguns serviços de mesa à americana. O serviço individual tem muitas vantagens económicas. Sendo composto de peças pequenas lavam-se estas e engomam-se com muita facilidade e rapidez, e só se usam as que são precisas para cada conviva. Fica muito bonita a mesa e gasta muito menos linho, visto parte da madeira do tampo ficar a descoberto. O modelo que damos hoje seria ideal bordado sobre estopa de linho, ou estopinho, (quanto mais rijo for o tecido melhor). Não os havendo, então, serve qualquer linho que se tenha ou queira aproveitar; linhol branco ou cru.

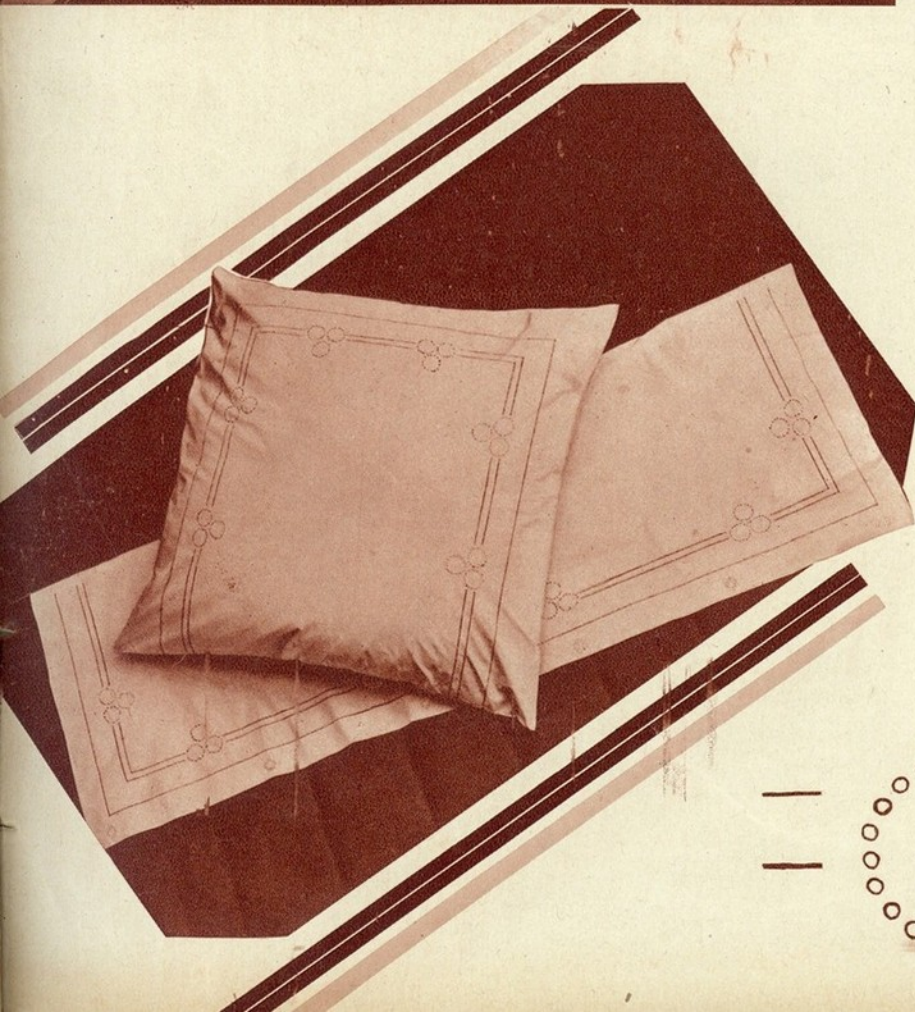
O modelo que vem na fotografia, foi um aproveitamento de um linho antigo. Sabes de que é? De um vestido de minha mãe quando menina.

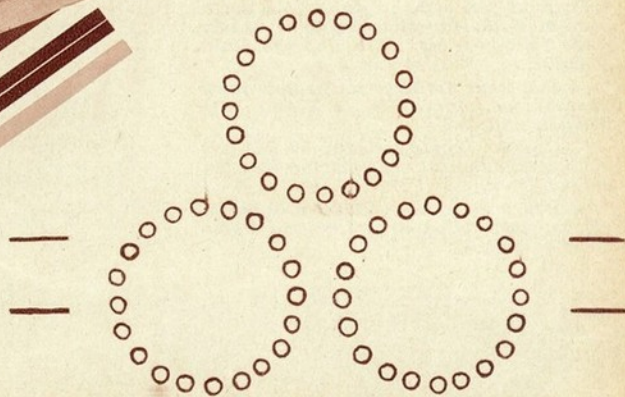
E' tão divertido bordar a cores! O melhor é fazeres um serviço para 6 pessoas.

Compra 6 novelos de «coton perlé» azul escuro mas vivo; 6 encarnado garrido. Corta 6 rectângulos com 0,55x0,35. 6 quadradinhos de 0,12x0,12 — para «naperons» para as lavandas; 6 rectângulos com 0,40x0,25; 1 «naperon» para centro de mesa do tamanho que entenderes. — Passado o desenho, é um gosto bordar rapidamente a ponto de pé de flor e a recorte.

Como vês é simples; não é preciso muito aperfeiçoamento num bordado tão rústico. Gostava que visses como fica bonito nestas duas cores.

Em volta, a terminar, leva um ponto simples a «crochet» (dobrando o linho para que não desfie com o uso) em «coton perlé» azul. Creio que se chama a isto «dente de cão». Sobre este faz-se nova carreirinha de «crochet» mas esta a encarnado.

Começa já Paula, fica tão engraçado!...

A pedido de algumas leitoras publicamos hoje mais um modêlo para lençol e almofada que nos parece muito bonito.

Aqui tendes pois um bordado simples e moderno, feito em ponto aberto e coroas de massinhas (ou bolinhas) a cheio. Também podereis alterá-lo e em vez de massinhas bordar ilhozes (abertas). E' mais rápido e mais facil de fazer, além de que leva menos linha, mas não creio que fique tão harmonioso.

GENTE NOVA

X

Rodrigo, em contraste com José Paulo, tinha em si o sentimentalismo delicado da raça portuguesa. Faltava-lhe, o que era pena, mais confiança em si proprio, mais energia, e um pouco daquela audácia que em José Paulo era demasiada.

Mas a sua consciência do dever, o seu saber profundo, a sua inexcedivel lealdade, faziam dele um rapaz de qualidades raras.

Desde criança que adorava Francisca Tereza; o seu sonho único era casar com ela, trabalhar para ela, fundar com ela um lar cristão e feliz, mesmo que tivessem de viver na maior modéstia.

E o enorme desapontamento ao saber que ela aceitara José Paulo, tinha sido para Rodrigo uma verdadeira doença.

— Olha, sabes que mais? — impacientava-se Domingas perante o seu irreprimivel desabafo — vira-te para a Chucha: diz-te logo que sim.

— Deus me preserve de algum dia eu pensar na Chucha! Tem tudo o que eu detesto numa rapariga.

— Ora, ora, ora...

— A linguagem, os modos, as saias acima do joelho, o andar gingão, o cigarro ao canto da boca, e, o que é pior do que tudo isto, o carácter fraco e o seu espirito sem bondade, quase cinico!

— Que retrato horrivel da pobre Chucha; não há ai muito exagero? E olha que o Manuel anda apaixonado por ela; se não te mexes...

— Não me mexerei, Domingas — afirmou Rodrigo.

— Eu dizia isto como derivativo, Rodrigo — tornou a irmã, abraçando-o — para ver se te desanuviavas. Pois sei bem o que vale o teu coração...

— Não digo que valha muito; mas, sem sombra de despeito, crê, aterra-me a ideia de ver a Tètè, a nossa Tètè, ir casar com um homem céptico e frio como é o José Paulo.

— Parece gostar dela; não é isso o que importa?

— Acima do seu amor ele porá sempre a sua ambição.

— Mas é um homem leal e bom como tu, Rodrigo? — insistiu Domingas, ansiosamente.

— Espero que sim, Domingas; e o meu amor pela Tètè é tão profundo que seria para mim um enorme desgosto se ela não fosse feliz com ele... — e Rodrigo ficou cismático.

— Vou levar um livro em branco para apontar as impressões da Itália, não achas boa ideia?

— Optima, Domingas: vamos ser uns bons companheiros — e Rodrigo teve um sorriso triste.

— Dos nossos desapontamentos poderemos, quem sabe, arranjar uma disposição agradavel...

— Não compares, Domingas, o meu amor pela Tètè, que dura há tantos anos quantos tem a minha mocidade, com o que te sucedeu a ti!

— Cala-te — gritou Domingas — Não sabes o sacrificio que eu fiz renunciando àquele casamento, Rodrigo!

— O quê?!

— O José Oliveira é um homem fino, simpático, bondoso; e adorava-me duma maneira estupenda... Era tudo reunido: a fortuna, a saude, o amor, tudo...

— Tudo não, coitadinha; tu bem o sentiste, Domingas. E como tu tens a noção do que é o dever, podes crer, minha filha, que se ficasses na situação de mulher registada, fora da Igreja Católica, não podendo andar de cabeça levantada e olhar direito, nunca, Domingas, te sentirias feliz — e Rodrigo beijou a irmã, cujos olhos estavam cheios de lágrimas.

. . . .

A' partida do Clipper, Francisca Tereza, que viera com Manuel despedir-se do noivo, causara sensação.

A sua linda figura, elegantissima dentro do sóbrio vestido de casaco e saia, um simples feltro escondendo, ligeiramente, o lado direito da testa, o rouge discreto, os olhos úmidos, os caracois escuros aureolando-lhe a cara, todo esse encantador conjunto não podia passar despercebido no aeroporto; tanto mais que àquela hora da madrugada ela era a única senhora que assistia à saida do avião.

Quando José Paulo apareceu, acompanhado pelo pai e pelo sócio, a linda rapariga enterneceu-se. Gostava tanto dele... E a ideia desta partida do noivo, da separação forçada com raras noticias, talvez, dava-lhe vontade de chorar. Engulia as lágrimas, porém; José Paulo não as queria...

— Tètè — disse ele, na sua voz um pouco metálica. — Quero apresentar-lhe o meu sócio, o sr. Sanches — Uma mão papuda pegou na sua; e uns beiços grossos pousaram na sua pele.

Limitou-se a fazer um ligeiro cumprimento; mas observou a fisionomia bonacheirona do sr. Sanchez, de nacionalidade mexicana, segundo José Paulo lhe dissera.

Tocara o sinal de embarque: mais um aperto de mão, um leve beijo na testa e o barulho dos motores abafou todos os outros ruidos, enquanto os passageiros entravam na carlinga.

O avião subia, subia... Cada vez era mais pequeno aos olhos úmidos de Francisca Tereza... Ia já longe, tão longe, no ceu cinzento! O dr. Ribeiro Sales tocou-lhe no braço com ternura; só eles estavam agora no cais de embarque.

— Vamos, Tètè.

Então Francisca Tereza deixou de reter as lágrimas; encostou a cabeça sobre o peito do advogado e chorou copiosamente, deixando trasbordar o seu terno coração...

(Continua)

por Maria Paula de Azevedo
(Desenhos de Guida Ottolini)

CHÁ DA COSTURA

Joana entrou como uma bomba naquela tarde; e vinha tão sorridente, que Clara perguntou:

— O que te sucedeu, Jana?

— A mim? Nada! — respondeu Joana, sentando-se a coser.

— Então porque tens essa cara de riso? — meteu Maria José.

— Saiu-te a sorte grande? — perguntou Rita.

— Encontraste o rapaz estupendo com quem pretendes casar este ano? — lembrou Alice.

Joana, risonha, abanou a cabeça.

— Anda, Jana, conta o que pensas — disse Clara.

— O que penso, Clara? Mas eu não estou a pensar em nada de especial! — tornou Joana. — E agora que vocês me estão a bombardear com perguntas e ditinhos, é que estou a pensar... no que penso! — concluiu Joana, sùbitamente cismática.

— Olha que tu sempre és duma fôrça... — murmurou Rita.

— Aconteceu-te alguma coisa de muito agradável, Jana; procura bem na tua memória — disse Clara.

Joana, ainda pensativa, respondeu:

— A verdade é que, sem saber porquê, creiam, me sinto hoje de um humor esplêndido! Tudo me parece correr bem na vida e uma alegria sem explicação está enchendo o meu espírito!

— Sem explicação, dizes tu?... — tornou Clara.

— Sem explicação — respondeu Joana, categórica.

— Recebeu uma declaração de amor, é o que é — declarou Alice. — E afinal...

— Ouve, Jana — cortou Clara, alegremente — conta-me como passaste a tua manhã, sim?

— Já desde ontem que ando num verdadeiro estado de beatitude, Clara, sem poder explicá-lo. Tôda a tarde tinha estado a ensinar jogos e cantigas na Escola Maternal da Freguezia, sabem? E a alegria da pequenada, tudo agarrado a mim, fez-me deveras bem à alma. Depois, esta manhã, levantei-me cedo para ir à missa da 1.ª sexta-feira, e olhem que levei comigo três garotas pobres (que almoçaram lá em casa). Radiantes, coitaditas. Ao almoço, tive o gosto de apresentar os *gnocchis* feitos por mim. Estavam óptimos, não calculam! E o Pai regalou-se. E' claro que o tempo a seguir ao almôço mal chegou para fazer tudo o que tinha marcado para hoje: andei a nove... mas consegui cumprir todo o meu programa, fiquem sabendo!

— Pois, Joaninha — disse Clara — aí tens tu as razões da alegria que enche o teu espírito. Não é difícil de compreender!

— Como? — perguntou Joana, admirada.

— A sensação, a *certeza* do dever bem cumprido, do dever cumprido alegremente, completamente, absolutamente, é o segrêdo da verdadeira felicidade; é o que tu sentes, Jana.

— Isso foi sempre uma das tuas ideias, Clara.

— E é assim, ricas, convençam-se bem dessa verdade profunda... — concluiu Clara, pensativa.

Boas ideias

Há coisas que, por vezes, nos ocorrem sem que as procuremos; e que vêm ao encontro das nossas necessidades de momento. Podem ser de ordem culinária (nesta época de dificuldades) ou de qualquer outra ordem, é claro. Lembro-lhes hoje, raparigas da Mocidade, um bôlo simples, excelente, fácil; e que tem, a seu favor, uma dupla vantagem:

não leva manteiga;
não leva farinha.

Em compensação... leva ovos. Chama-se ele: Bôlo da tia Zé.

Ovos..................	6
Açúcar................	200 grs.
Amêndoa com pele...	250 »

Passa-se a amêndoa na máquina e mexe-se tudo junto, menos as claras, que se juntam no fim, bem batidas em castelo.

Deve cozer-se num forno fraco, para que não fique sêco; e numa forma redonda e baixa: a não ser que se prefira cozê-lo num tabuleiro, cortando-o, depois, em quadrados.

Um pouco de pilé por cima, embeleza-o!

Curta mensagem às leitoras

Está quase a chegar ao fim o romance **Gente Nova** e outro começará chamado **Alegrias e Tristezas.** Ter-lhes-á agradado a «Gente Nova»? Francisca Tereza é lhes tão simpática como o foi a «Maria Rita»? Cá fico à espera da opinião das leitoras...

Maria Paula de Azevedo

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

CAMARADAGEM

(Continuação da página 7)

A Ermelinda, quinze anos tímidos, com olhos de gazela sentia repreensíveis aquelas coisas que algumas apresentavam feitas para despertarem uma boa gargalhada. Era preciso coragem! Ela, se as fizesse, teria tanto medo! Era mais fácil cortar por caminho direito, o único, parecia-lhe talhado para vencer.

Pouco imaginativa enchiam-na de susto as façanhas dos que trabalhavam em seu próprio prejuizo. Porque viriam perder tempo? podiam ter geito para outra coisa. É verdade, mas para quê?...

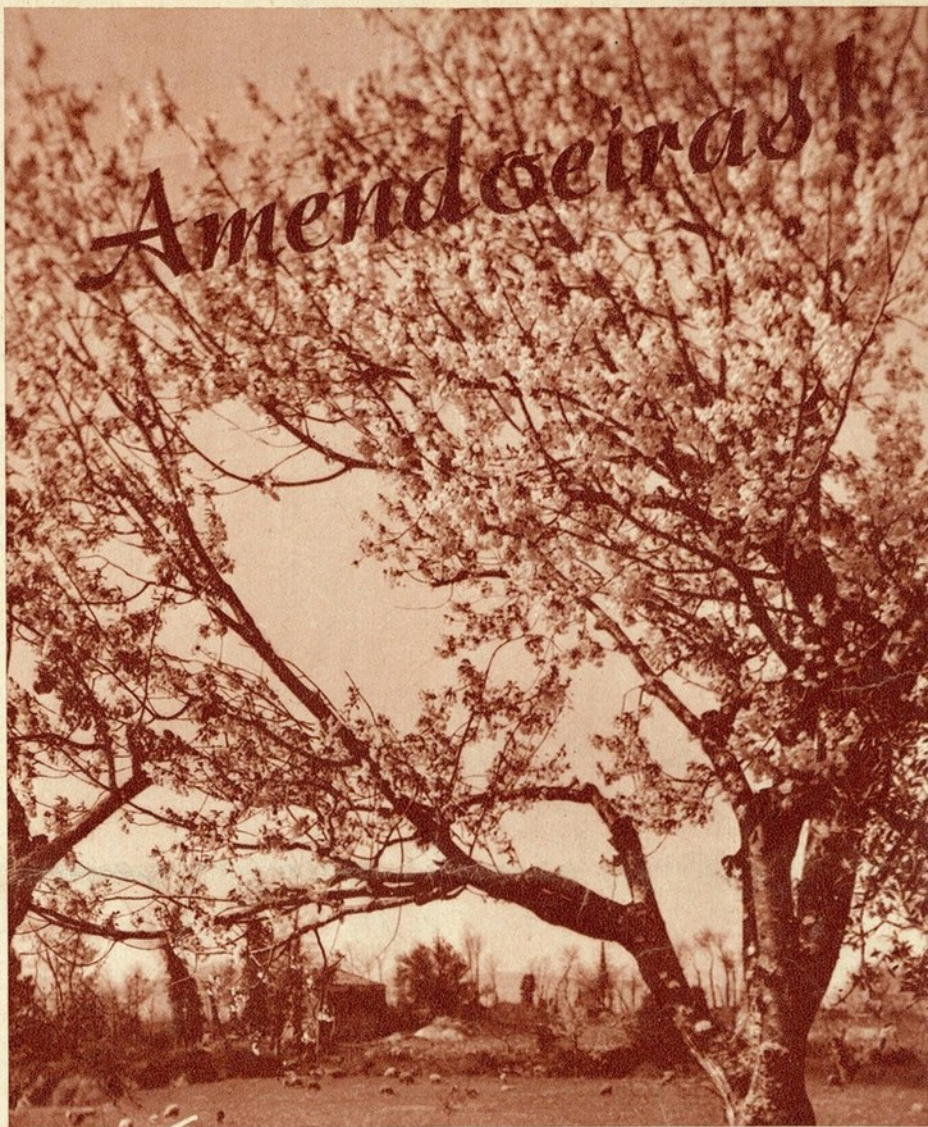
Por mais que pensasse não encontrava ofício capaz para encaixar aqueles actos de audácia sem proveito. Havia de perguntar à Maria Antónia.

A Ermelinda gostava imensamente da Maria Antónia. Era a única companheira com quem se abria sinceramente e, no entanto, que diferença de tudo entre ambas! Parecia-lhe que a sua amiga não podia reunir maior numero de qualidades. Ás vezes, enquanto davam a lição de moral nos dias de "Mocidade", a professora obrigava-as a decorar os deveres da boa filiada e a Ermelinda então assentava aqueles bons princípios na imagem da Maria Antónia porque todos lhe ficavam bem.

Ela amava Deus alegremente e com devoção. Respeitava-se e sabia fazer-se respeitar, tão novinha! Nunca mentia porque amava a verdade. Era leal... se era... Assumia sempre a responsabilidade dos seus actos. Ninguém melhor do que a Ermelinda o podia dizer. Foi até por essa razão que no terceiro ano tinham ficado amigas...

. . . .

A campainha tocou. Como um bando de pardais as rapariguinhas desarvoraram do átrio e foram tomar os seus lugares com o lápis e o papel em frente. Recomeçavam as aulas depois do intervalo.

(continua) Maria Amália Fonseca

AO lento morrer do sol poente uma brisa tépida vinha-se quebrar de mansinho contra o meu rosto. Lá em baixo, até perder de vista, os contornos caprichosos do mar, nas suas voltas escuras misturadas com o tom acinzentado das águas salgadas. E depois, muito ao longe, o oceano derramando cintilações de luz.

Mais além, a esbater-se no ocaso, o sol agitando vagaroso a sua ondeada cabeleira fulva. Vindo para a terra, formigueiros brancos num labirinto de rendas, de espumas, de revoadas de pétalas imaculadas: amendoeiras com todo o seu perfume de doces eflúvios. Que encanto indescritível têm as amendoeiras floridas no Alto de Santo António! O mirante da igreja elevando-se altivo, põe-nos à vista Faro com todas as suas alegrias e tristezas. Tudo quanto nele há de digno e formoso. Os campos verdes, de um verde muito escuro a resaltar do casário branco, o mar nos seus caprichos e o sol com o fogo fundido dos seus raios e reflexos, parecendo confundir-se com as àguas num amplexo de irmão. Em redor, flores de neve espalhadas em profusão, ao acaso, em simetria, em montes, num delicioso conjunto de alvura. Sem querer a «Lenda das Amendoeiras», com a sua Gilda — a bela amada do príncipe mouro de Silves — vem ter connosco ao mundo dos nossos sentidos: branca e leve, os cabelos doirados e soltos, misturando-se ao sussurrar das suas vestes virginais. Vejo-a triste, silenciosa, chorando na sua saudade. Os pésitos esguios afloram impacientes os mosaicos antigos, as mãos pequeninas imploram com ardor o regresso ao seu reino. Pudera! Desde que nascera, seu coração fiel habituara-se a amar os deslumbrantes panoramas niveos dos paises nortenhos. E, dia a dia, pequena e frágil, chorava a sua desdita. Nada havia que a consolasse, nada fazia aflorar os seus lábios de marfim antigo, o mais fraco sorriso, nem o príncipe de Silves com todo o seu imenso amor. Como podia ela viver sem a brancura dos campos idolatrados mais que a própria vida? Mas o principe tanto pensou até que um dia chamando-a à janela mostrou-lhe radiante as campinas cobertas de um monte de jaspe. Então um sorriso de felicidade brotou dos seus olhos azuis do céu, entre o aveludado dos cílios. E' que seu coração já tinha um linitivo: se perdera a neve ganhara as amendoeiras com toda a sua opulência e embriagante perfume, pois seu príncipe mandara plantar por todo o Algarve essas árvores. Desde então, nunca mais a viram triste e com ela brilhou mais o céu algarvio — feito da fusão de duas cores maravilhosas: o azul opulento da turqueza e o azul brilhante da opala. Meu Deus! Era lá possivel que Gilda não amasse as amendoeiras — essas noivas todas branquinhas a noivar pelos barrancos e por essas montanhas fora... num símbolo de pureza e castidade! Oh! Quase que o universo desaparece para nós, assemelhando-se a um frémito divino e que nos faz correr mais célere o sangue nas veias: todo o encanto dos contornos do mar, as amendoeiras nos seus vestidinhos brancos, o vermelhão do oceano, o palhetar das salinas, o tom rosado que nos envolve e à natureza mãe, cheio dessa paz bendita que têm todas as tardes algarvias sobre as sombras santas de um claustro. Desperta-nos deste encantamento um som longiquo tal como uma trompa da Aurora: é na cidade o toque para recolher dos soldados. A voz imperiosa que chama às ordens da vida, do dever e da honra. Com esses soldados eu tive de partir pois o sol tinha morrido de todo no ocaso ardente, envolto em nuvens brilhantes e os grilos faziam já ouvir o seu cri-cri metálico. Parti, não sem um suspiro fundo de saudade e de ternura para com essas amendoeiras tão lindas que se vão lentamente despedindo dos campos verdejantes no mágico desataviar das suas túnicas de neve...

«Amendoeira em flor»
Filiada n.º 28687